5
A história da Maré, como tudo começou...

Todo dia o sol da manhã
Vem e lhes desafia
Traz do sonho pro mundo
Quem já não o queria
Palafitas, trapiches, farrapos
Filhos da mesma agonia
E a cidade que tem braços abertos
Num cartão postal
Com os punhos fechados na vida real
Lhe nega oportunidades
Mostra a face dura do mal

Alagados, Trenchtown, Favela da Maré
A esperança não vem do mar
Vem das antenas de TV
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê

(Trecho da música *Alagados*, Paralamas do Sucesso)

Foto 9 do Acervo do Museu da Maré - Vista panorâmica dos "alagados" da Maré com suas palafitas até à década de 80.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Para iniciarmos esse capítulo procuramos apresentar geograficamente a região da Maré com os mapas abaixo: no primeiro podemos ver a região em relação ao estado do Rio de Janeiro e no segundo mapa, as comunidades que constituem a Maré hoje, com exceção de Marcílio Dias, que não está aí representada.

Mapa 1
ÁREA TOTAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO COM DESTAQUE PARA A LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO DA MARÉ

Instituto Pereira Passos – Armazém dos Dados
HTTP: http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index_bairro.htm

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Mapa 2- BAIRRO DA MARÉ COM DESTAQUE PARA 16 COMUNIDADES[17]

Mapa produzido por Luana Caruso Nóbrega - Programa de Desenvolvimento Local da Maré
Rede de Desenvolvimento da Maré/ REDES HTTP:
http://www.redesdamare.org.br/projetos/retrato-da-mare/

Ao procurarmos fontes sobre a história da Favela da Maré nos deparamos com a pouquíssima quantidade de artigos, livros ou teses sobre o tema. Na verdade, essa realidade também se alastra sobre outras comunidades favelizadas

[17] Este mapa não inclui a delimitação da comunidade do Conjunto Marcílio Dias.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

do Rio de Janeiro e do Brasil como mais um lamentável espelho de uma herança colonial escravista que ainda se perpetua em formas sutis, ou não, de discriminação e exclusão das comunidades populares que constroem este país. Sendo assim, encontramos basicamente quatro trabalhos sobre essa temática, que escolhemos como base, são eles: Chagas & Abreu (2007), Oliveira (2003), Silva (2006) e Vieira (1999, 2008).

Devido à lacuna de pesquisas acadêmicas sobre o tema, os trabalhos de Vieira (1998, 2008) crescem tornando-se fontes documentais relevantes e ele interlocutor teórico e acadêmico privilegiado no processo de nossa pesquisa, tendo em vista ter elaborado um histórico do surgimento e desenvolvimento da Maré desde a época das capitanias hereditárias até os dias de hoje. Se por um lado Vieira (id) é ex-morador do lugar, nascido e criado ali, totalmente comprometido com suas causas sociais e políticas, por outro sua formação acadêmica como pesquisador na área de memória - intelectual competente e engajado nessa luta e nesse posicionamento político e ideológico-, sua vivência e vasto conhecimento prático e teórico do campo torna-o, também na academia, protagonista de sua própria história registrando-a em seu trabalho intelectual, intitulado *Do engenho à favela, do mar ao chão, memórias da construção do espaço na Maré* (id, 2008).

A afirmação anterior se conjuga com o trecho abaixo de Oliveira (2003) sobre a dificuldade de informações sobre a história da Maré:

> "Muito pouco da história da formação do bairro Maré foi escrito, e o pouco do que se dispõe a respeito do assunto, pode ser encontrado em fragmentos dispersos em documentos oficiais e livros que tratam da história geral da cidade do Rio de Janeiro e de seus bairros.
> No entanto, graças à ação militante de alguns indivíduos da Maré, em especial pessoas ligadas ao CEASM[18], estes dados vêm sendo reunidos, ajudando a construir um histórico mais denso e substancial sobre as ocupações e transformações urbanas do bairro. Antônio Carlos Vieira, um dos fundadores do centro, a partir de extensa bibliografia, estudos em arquivos e depoimentos de moradores, coletou e organizou um conjunto de informações que deu origem ao trabalho denominado "História da Maré" (Vieira, 2002), que contribui para a compreensão do discurso dos militantes do CEASM sobre a região. Este texto inédito tem sido utilizado como fonte bibliográfica para a realização de estudos e exposições, e é com ele que passei a dialogar para a construção do histórico que se segue." (Oliveira, 2003, p. 33)

[18] Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

5.1
Do mar ao "sertão" [19]

Esse capítulo foi pensado tendo em vista que a essência do Museu da Maré, seu "conteúdo" é exatamente ressignificar, narrar, ensinar a história da Maré e construir, reelaborar as memórias locais. É claro que percebemos que cada comunidade tem sua história peculiar e todas juntas formam um todo complexo no contexto da região da Maré, compondo o mosaico do bairro de mesmo nome. [20]. Porém, poderíamos imaginar e pensar que há algo em comum entre tais comunidades, o que diria Lourenço César - um dos diretores do CEASM e do Museu da Maré por mim entrevistado -, *"... há algo de universal nessa história que perpassa todas as comunidades da Maré"*, como a pesca, o carregamento da água em "rola-rola" em tempos passados, a luta pela terra, pela sobrevivência, que são retratados em diversos objetos e construções existentes dentro do Museu.

A história da Maré é muito rica em detalhes, fatos históricos, lutas e resistências, alegrias e tristezas, enfim é cheia de vida, de vida de homens e mulheres que um dia acreditaram que poderiam até mesmo *construir o seu próprio chão*, segundo expressão utilizada por Vieira (2008).

Desde os tempos coloniais a região da Maré é ocupada, pois era um refúgio tranquilo às margens da Baía de Guanabara sem poluição, com muitas ilhas, praias e manguezais. Naquela região havia como acidentes geográficos a Enseada de Inhaúma, a Praia de Inhaúma, a Ponta da Pedra e a Praia do Apicú. Em frente àquelas ficavam as ilhas do Fundão, do Pinheiro, Bom Jesus, Pindaís, das Cabras, Baiacu e Catalão. Todas elas, no final da década de 40 e início dos anos 50, foram anexadas à Ilha do Fundão para a construção da cidade universitária.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

[19] Este subtítulo baseia-se no título da dissertação de mestrado de Antônio Carlos Pinto Vieira, defendida na UNIRIO em 2008, denominada *Do engenho à favela , do mar ao chão, memórias da construção do espaço na Maré.*

[20] Sobre a construção do bairro Maré temos a dissertação de Cláudia Rose Ribeiro da Silva intitulada *Maré: a invenção de um bairro,* defendida na Fundação Getúlio Vargas (FGV) em 2006.

Foto 10 do Acervo do Museu da Maré - Praia do Apicú, atual região da Maré

Os primeiros habitantes foram caçadores e coletores que ali viviam há 8000 anos atrás. Quando os portugueses chegaram viviam os índios Tupis-Guaranis, como em vários pontos da Baía de Guanabara (Amador, 1997). Vários nomes da região da Maré até hoje denotam a presença indígena na região, vide palavras como: Inhaúma, Timbau, Sapucaia etc. Interessava aos portugueses a troca de pau-brasil por meio de escambo. (Vieira, 1999, 2008)

Toda essa região foi concedida como sesmaria a Antonio da Costa, segundo Vieira (1999):

> "No mesmo ano de 1565, foi concedido outra sesmaria ao leigo Antônio da Costa, com "*700 braças ao largo do mar e 1000 pela terra dentro de Inhaúma"*. Destaca-se um fato para nós de particular interesse: o limite entre a sesmaria dos jesuítas e a de Antônio da Costa ficava justamente na região abrangida hoje pela Maré, designada a época como tapera de Inhaúma." (id, p.8)

A sesmaria dos jesuítas se chamou *Fazenda do Engenho Novo* e de *Fazenda Engenho da Pedra* a de Antonio da Costa (a primeira fazenda da região de Inhaúma não pertencente aos jesuítas). A Coroa portuguesa dava terras à Igreja Católica e a militares para garantir sua ocupação devido aos riscos de invasões, ainda mais à beira da Baía de Guanabara.

Em 1570 foi aberto um porto na região, chamado Porto de Inhaúma, no final da Rua Guilherme Maxwell, rua onde se localiza hoje o Museu da Maré. Os jesuítas abriram esse porto para dar passagem aos produtos que vinham das fazendas para o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

centro da cidade, principalmente açúcar e aguardente produzidos nos engenhos. O porto comunicava principalmente São Cristóvão, Caju, centro da cidade e ilhas próximas. Logo no seu entorno formou-se um núcleo populacional. Com a decadência do açúcar o porto passa a escoar produções pequenas do local, principalmente das olarias da região. Em meados do século XIX o porto entra em decadência total devido à melhoria dos meios de comunicação terrestres, inclusive ferroviários.

A Fazenda do Engenho da Pedra ia do Porto do Caju até ao Porto de Maria Angu, este localizado hoje em dia na Maré. Esta fazenda englobava os bairros de Olaria, Ramos, Bonsucesso e parte de Manguinhos. Seus proprietários sempre foram militares ou autoridades governamentais, provavelmente devido à proximidade do litoral, para segurança do governo colonial e imperial, como afirmamos anteriormente.

Segundo Vieira (id) o Engenho da Pedra produzia além do açúcar, milho, mandioca, feijão, legumes, arroz, cacau, hortaliças e frutas variadas. A partir de meados do século XVII passou também a produzir café devido à decadência do açúcar. Usava-se mão de obra escrava e arrendatários -que eram pequenos lavradores- que produziam gêneros alimentícios para o centro da cidade e para a *região das minas*. Da sede da antiga Fazenda do Engenho da Pedra ainda existem ruínas onde hoje se localiza a Igreja de Nossa Sra. da Conceição de Ramos na Favela da Igrejinha (Vieira, id).

Em meados do século XVIII cria-se a Freguesia de Inhaúma, que ia desde a região da Praia Pequena (Benfica) até o rio Meriti.

Em 1763 com a transferência da capital de Salvador para o Rio de Janeiro devido ao auge da mineração, houve uma reaquecida da economia local tanto para consumo interno como para o mercado externo, já que revitalizou-se os grandes engenhos da região.

No século XIX as fazendas da região não eram tão rentáveis e por isso foi necessário desmembrar e arrendar pequenas parcelas de terras a pequenos agricultores. No final desse século apesar da Freguesia de Inhaúma ter sido desmembrada e ter perdido 1/3 de sua área, a parte mais populosa e próxima ao centro da cidade passa a fazer parte da freguesia criada e denominada Engenho Novo. Porém, Inhaúma continua rural, mas próxima ao centro urbano, passa a englobar da Praia de Maria Angu (atual Praia de Ramos) até à Praia Pequena (hoje em dia o bairro de Benfica).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Com a criação da ferrovia, que em 1897 passa a ser controlada pela *The Leopoldina Railway,* toda a região fica conhecida por subúrbios da Leopoldina. Com a inauguração das estações ferroviárias desloca-se o desenvolvimento do núcleo urbano para próximo das estações de trem e o transporte marítimo vai declinando. Por isso, o Porto de Inhaúma vai declinando e passa a ser habitado por pequenos proprietários rurais portugueses e italianos, além de ter próximo atividades de olarias, onde os donos usavam os gravetos da região dos mangues em seus fornos. Essas produções ainda saiam dali pelo porto e este passa a ter atividades de pesca a partir dessa época (Vieira, id).

A estação de Bonsucesso torna-se agregadora em seu entorno de várias atividades e nessa região organiza-se um núcleo urbano através da divisão de lotes e do incentivo à construção de prédios.

O Instituto Oswaldo Cruz foi a primeira grande instituição a se instalar na região de Inhaúma. Primeiro instalaram-se grandes fornos para incinerar o lixo da cidade. Em 1899 é que Campos Sales monta o Instituto Soroterápico. A localização do Instituto Oswaldo Cruz chama atenção da cidade para melhores meios de transporte e maior infraestrutura devido á importância daquela instituição para nosso país (id).

Foto 11do Acervo do MIS (Museu da Imagem e do Som) - Instituto Oswaldo Cruz com Baía de Guanabara ao fundo e Ilhas do Pinheiro e do Fundão.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Graças ao Instituto Oswaldo Cruz, a linda Ilha do Pinheiro foi preservada até à década de 80, onde a instituição fazia pesquisas principalmente sobre fauna da região. Foi usada para criação de macacos *Rhesus* para experiências e pesquisas científicas, daí a população local da Maré chamar essa ilha de "Ilha dos Macacos", segundo Vieira (1999). A Ilha dos Macacos aparece na fala dos pescadores entrevistados como algo paradisíaco. Em geral todos os moradores da Maré de "meia idade" ou mais velhos se remetem à Ilha do Pinheiro com saudosismo.

Foto 12 do Acervo do Museu da Maré - Ilha do Pinheiro, pertencente ao Instituto Oswaldo Cruz

A partir de 1902, o prefeito do Distrito Federal Pereira Passos moderniza a cidade e com isto valoriza-se a região central, logo a população pobre começa a ser "empurrada" para as regiões dos subúrbios. Com isso, a Freguesia de Inhaúma começa a mudar seu perfil de rural para urbano devido à sua proximidade com o centro da cidade (id).

O bairro de Bonsucesso começa a ter sua atual configuração em meados de 1914. Até à década de 20 a enseada de Manguinhos se manteve intacta, porém a partir daí começaram a fazer diversos aterros que vão terminar com parte dos manguezais da região. Em 1928 iniciam-se os primeiros aterros na região para fazer o Aeroporto de Manguinhos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Foto 13 do Museu Aeroespacial - Região do Aeroporto de Manguinhos

Na década de 70 os aterros se estenderam em direção ao mar como depósito de lixo sanitário do Ministério da Saúde. Na década de 80 com o Projeto - Rio nas áreas aterradas a partir do Canal do Cunha serão feitos dois conjuntos da Maré, que são a Vila do João e o Conjunto Esperança. Um dos diretores do Museu da Maré em sua entrevista lembrou-se de quando ele e seus irmãos, na infância, foram transferidos das palafitas para a Vila do João pelo Projeto Rio.

Foto 14 do Acervo do Arquivo Nacional - Aterro da década de 70 feito com o Projeto Rio

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Segundo Oliveira (2003), os moradores pressionaram o término das obras do Projeto Rio como podemos ilustrar no trecho abaixo:

> "Concluído com bastante atraso e pressão dos moradores, que reivindicavam o término das obras, o Projeto-Rio promoveu modificações na infraestrutura urbana da Maré, desde a rede de abastecimento de água e canalização do esgoto, passando pela regularização da rede elétrica e arruamento. Durante a sua implementação foram construídos os primeiros Conjuntos Habitacionais da Maré, que passaram a abrigar os moradores retirados dos barracos e palafitas: Vila do João, Conjunto Pinheiro, Conjunto Esperança e Vila do Pinheiro." (id, p. 41)

O aterro do Arquipélago do Fundão foi feito entre 1949 e 1952 para construção da cidade universitária, como já mencionamos. Para isto foram anexadas 8 ilhas: Fundão, Pindaí do Ferreira, Pindaí do França, Sapucaia, Bom Jesus, Baiacu, Cabras e Catalão interligadas através de aterro. A Ilha do Pinheiro inicialmente não foi aterrada, isto só ocorreu no Projeto-Rio no final da década de 70. Os aterros da região geraram o aumento dos problemas ambientais na área.

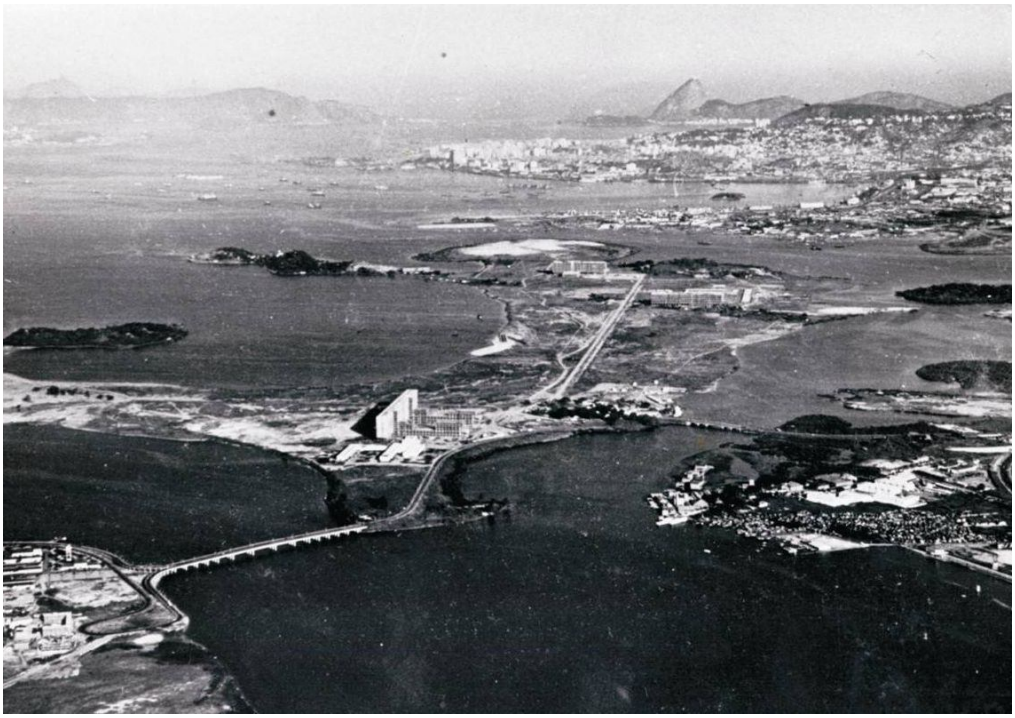

Foto 15 - Baía de Guanabara com Ilha do Fundão após anexação das outras ilhas do entorno; Ilha do Pinheiro ainda separada e ponte de ligação com a Ilha do Governador

As pontes de acesso à Ilha do Fundão também mudaram a paisagem da região, assim como o acesso à Ilha do Governador. Muitos trabalhadores que foram construir a cidade universitária acabaram indo morar na Maré,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

principalmente no Timbau e na Baixa do Sapateiro. Também, alguns desapropriados das ilhas, foram para a Maré, principalmente na Colônia de Pescadores da Praia de Inhaúma.

Na década de 60, com o governo de Carlos Lacerda (1961-1965) houve uma modernização da cidade, construindo-se viadutos, túneis e parques e jardins na zona sul e o estabelecimento e prática de uma política de remoção das favelas para áreas distantes e desvalorizadas como a Maré. Nesta época diversas favelas da Zona Sul foram removidas para as comunidades da Maré, principalmente Nova Holanda, como abordamos mais adiante.

A escrita abaixo de Oliveira (2003) nos demonstra o quanto as remoções das populações na época foram polêmicas.

> "No entanto, a forte reação dos moradores fez com que a fase de remoções não fosse totalmente implementada, limitando-se à remoção das áreas "palafitas" e a transferência dos moradores para construções pré-fabricadas. Até então, segundo depoimento de moradores, a "Maré das palafitas era símbolo da miséria nacional, como retrata a música "Alagados", do Paralamas do Sucesso" (Apud: Oliveira, 2003. In: Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, 2002)

Tal política de remoção das favelas permanece no governo Chagas Freitas, com o Projeto de mesmo nome a partir de 1971, que incluiu a construção de uma via paralela à Avenida Brasil e a remoção de parte dos favelados, o que gerou uma reação ruim da imprensa. Essa intervenção seria feita da Ponta do Caju até à ponte da Ilha do Fundão. Era uma área muito degradada, por isso, segundo Vieira (1999, p. 69) o projeto tinha como metas:

> "a) a construção de habitações, no espaço entre a nova via e a Av. Brasil, para 100.000 pessoas, que seriam removidas da área favelada constituída de palafitas. No Parque Maré e na Nova Holanda, seriam aproveitados 900 m2 de ruas já abertas pelos favelados, para evitar maior remoção inicial.
> b) Entre a ponte Oswaldo Cruz e a Av. Brigadeiro Trompowski, estava prevista a abertura de um canal de 150 metros de largura. A área entre esse canal e a nova via projetada seria aterrada e destinada à expansão das indústrias da região que, na época, somavam 84 unidades.
> c) A nova via projetada para desafogar o trânsito da Av. Brasil teria uma extensão de 6 km e, para evitar cruzamento, ela passaria por baixo da ponte Oswaldo Cruz, seguiria pelo litoral, entrando pelas favelas com uma largura de 40 metros, até atingir o canal de Ramos.
> d) Outra meta era a regularização dos aterros nas proximidades da Colônia de Pescadores existentes na região e o plantio de vegetais adequados à contenção dos terrenos; construção de canais de concreto para os cursos d`água e construção de ancoradouros." (id, p. 69)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Também o governador Chagas Freitas decreta novos limites da orla marítima da região do Caju a Ramos e a proibição de novos aterros clandestinos. Porém, todo esse projeto acabou não sendo implantado e cedeu lugar ao Projeto Rio (1979—1982), que executará diversas metas e foi anunciado pelo então ministro Mário Andreazza em 1979. Tal projeto tinha por objetivo sanear a orla da Baía de Guanabara e baseava-se nos anteriores, como o de Chagas Freitas, que não haviam vingado.

O Projeto-Rio envolvia recuperar a orla da Baía de Guanabara em 27 km, desde a Ponta do Caju aos Rios Sarapuí e Meriti em Caxias. Tinha como objetivos: criação de espaços para abrigar populações de baixa renda e criar condições de ambientação ecológica e paisagística do trecho mais poluído da Baía de Guanabara. O BNH (Banco Nacional de Habitação) financiou o projeto e o DNOS (Departamento Nacional de Obras e de Saneamento) fez os aterros e a enorme drenagem na região. A FUNDREM (Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana) fez as pesquisas de levantamento cadastral. A primeira fase do Projeto- Rio não funcionou, pois previa a remoção dos moradores de favelas para conjuntos habitacionais, uma vez que a "grita" da população local e da imprensa acabou gerando a desistência dessa medida por parte do governo. Sendo assim, o projeto limita-se a erradicar as palafitas.

Nessa época um terço da população da Maré morava em palafitas. Estas se concentravam na Baixa do Sapateiro e no Parque Maré.

O BNH criou o PROMORAR (Programa de Erradicação da Sub-habitação) para resolver o problema de erradicação das palafitas. Tal projeto ainda previa a regularização da propriedade dos terrenos, processo até hoje não resolvido, além da urbanização da área do Timbau ao Parque União. Também previa o alinhamento de ruas, instalação de rede de esgotos e abastecimento de água. Surge nessa época, o poder das associações de moradores na década de 80, que já existiam em algumas comunidades da Maré como expressão da pressão política junto às autoridades governamentais.

Em 1985 a obra foi concluída, mas com 4889 títulos entregues e não, 12000. A Associação dos Moradores da Nova Holanda promove uma articulação entre as associações de moradores da região da Maré. Após pressão e passeatas acabou-se conseguindo a retomada das obras de saneamento a cargo da CEDAE.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Em 1992 Fernando Collor oferta a Linha Vermelha no governo Brizola, algo já imaginado por vários governos anteriores. Lamentavelmente esta vem a ser o que faltava para abalar a Baía de Guanabara, pois os aterros feitos para sua construção do Caju até à Maré, reduziram o canal a um canal de menos de 100 metros de largura, totalmente poluído. Tal via sempre foi pensada como uma alternativa à Avenida Brasil, mas acabou se tornando uma via elitista, que favorece os carros particulares (Vieira, id).

Ainda segundo Vieira (id) acabou-se com parte do manguezal, foram realocados os trapiches utilizados pelos pescadores, ficando a Maré limitada entre a Avenida Brasil e a Linha Vermelha. Foi feito um Parque com traçado de Burle Marx, mas bem mais reduzido do que imaginavam. Para construir a Linha Vermelha foram removidas famílias para o Parque Alegria e Boa Esperança e ainda foi construído um conjunto de casas onde havia o Aterro Sanitário do Caju, que acabou desativado. Restou apenas a Usina de Lixo, que por falhas em suas construções, atualmente não funciona regularmente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

5.2
Da favela ao bairro

> "Quando olhamos um bairro como a Maré, temos a impressão de contemplar algo inacabado, em constante construção: paredes sem esboço, alvenaria aparente, vergalhões apontados para o alto, puxadinhos aqui e acolá. Assim é a favela, um lugar que muda a cada dia, que cresce para cima, para os lados, que se multiplica e se sobrepõe. Um espaço em constante movimento. "(Vieira, 2008, p. 4)

Foi a partir da década de 30 que surgiram os primeiros moradores do que hoje se chama "Complexo da Maré" devido a vários fatores. A primeira comunidade a surgir foi no Morro do Timbau e sua 'primeira moradora lendária se chamou Orosina. Essa já era uma região ocupada como já escrevemos anteriormente, pois ali se localizava o Porto de Inhaúma. O nome Timbau significa do tupi-guarani "entre as águas".

A história quase épica conta que D. Orosina foi fazer um passeio e ficou encantada com a beleza da região. Começou recolhendo as madeiras que vinham com a maré e construiu um barraco. Logo depois o Morro do Timbau foi sendo

ocupado, seus terrenos eram pantanosos e não urbanizados. Paralelamente começa-se a construir a "Variante", nome dado à Avenida Brasil.

D. Orosina Vieira dará nome ao Arquivo de informações, documentos e fotos iniciado pelo Rede de Memória da Maré e até hoje existente no Museu da Maré. É um acervo muito importante para a história da região da Maré e das favelas cariocas em geral. No trecho abaixo Oliveira (2003) nos ilustra algumas informações a mais sobre D. Orosina apontando-a como "mãe fundadora" da comunidade atual da Maré:

> "Orosina Vieira, importante personagem local, que dá nome ao Arquivo, aparece aí como "mãe fundadora" da comunidade, instituindo o marco da ocupação da Maré pela população atual. É até hoje lembrada, como pude comprovar em conversas e entrevistas, como uma mulher forte e determinada, uma rezadeira que gozava do respeito da comunidade por suas qualidades e serviços prestados. Contam que ela possuía uma "garrucha e um facão" com os quais impunha respeito e mantinha certa ordem na região, estes objetos estão sendo almejados pelos integrantes como possível acervo de um futuro ou reserva técnica. Seu papel como mito fundador da região parece simbolizar o merecimento à terra que convida à construção das moradias e a força dos indivíduos que resistiram às dificuldades para permanecerem no local." (id, p. 36)

Esse primeiro casal de moradores do Timbau vinha de uma casa simples de cômodos localizada atrás da Central do Brasil. Ela era uma mulher mineira que não se acostumara a viver num cômodo só. Escolheu um lugar seco e numa pequena elevação, fez seu barraco, plantou árvores frutíferas e uma horta. Ela virou uma figura simbólica no Timbau. Rapidamente outros quiseram fazer o mesmo e ela estimulou e avisou que não havia propriedade da terra. Montou uma barraca de frutas e alguns legumes. O maior problema era a água, que eles tinham que pegar em Bonsucesso, do outro lado da Avenida Brasil e carregar morro acima.

No pós-guerra, em meados da década de 40, iniciou-se uma das principais migrações brasileiras para o Rio de Janeiro e São Paulo. Há um intenso fluxo migratório para o Rio de Janeiro e São Paulo vindo do Nordeste. No caso do Rio de Janeiro isto só faz aumentar o problema da falta de moradias populares e a ausência de uma política habitacional popular.

Sendo assim, desde a década de 40 as favelas tornam-se um fenômeno urbano de proporções cada vez maiores. Os terrenos ocupados pelos migrantes eram aqueles não cobiçados pela especulação imobiliária, como os morros, encostas e pântanos da cidade, assim como áreas de propriedade duvidosa ou

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

pertencentes à União ou a órgãos governamentais (id, p. 47). Em 1950, o Brasil era predominantemente rural, já hoje em dia inverte-se o quadro brasileiro, pois a maioria da população brasileira vive nos centros urbanos.

Chagas e Abreu (2007) nos falam da chegada desses migrantes em São Cristóvão no trecho a seguir:

> "Gradualmente os migrantes, que vinham de pau-de-arara e desembarcavam em grande número na área próxima onde hoje fica o Pavilhão de São Cristóvão, foram se fixando na região do entorno do Morro do Timbau denominada Baixa do Sapateiro". (id, p. 136)

Em 1946 é construída a Avenida Brasil para melhorar a comunicação do centro da cidade com os subúrbios e com as vias intermunicipais e interestaduais. Para isso foram feitos diversos aterros, os canais de Benfica e Manguinhos foram unidos numa única saída para a Baía de Guanabara sendo aquela denominada Canal do Cunha[21].

Com a "Variante Rio - Petrópolis", posteriormente chamada Avenida Brasil, diversas indústrias foram se instalando à sua beira. Surge a refinaria de Manguinhos, como o próprio nome diz no aterro de Manguinhos. Foi a primeira refinaria de petróleo da Baía. Com esse desenvolvimento econômico, há um enorme crescimento populacional nas regiões do Caju, Benfica, São Cristóvão, Manguinhos e Bonsucesso.

A construção da Avenida Brasil foi fundamental para o surgimento da Maré, até porque muitos dos primeiros moradores acabaram trabalhando na construção da Avenida Brasil, como nos apresenta o trecho abaixo de Vieira (1999):

> "Sem considerar o fato de que em sua construção trabalharam muitos dos primeiros moradores destas comunidades, a Avenida Brasil proporcionou o crescimento de um cinturão industrial às suas margens, que somado ao isolamento dos terrenos na orla da Baía de Guanabara e a facilidade de acesso a tais áreas, criou condições bastante favoráveis para o surgimento das comunidades da Maré." (id, p.50)

Avenida Brasil faz parte da vida dos moradores da Maré de forma intrínseca quer seja proporcionando trabalho, quer seja facilitando no deslocamento para o centro da cidade ou proporcionando a chegada de material para aterros ou para construir casas e barracos. Em compensação era perigoso atravessar a Avenida Brasil e ir ao outro lado de Bonsucesso para apanhar água, trabalhar ou fazer compras, pois com o crescimento esta passou a ter muitas pistas e ser a principal

[21] O Canal do Cunha se localiza na região da Maré atual.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

porta de entrada terrestre da cidade. A Avenida Brasil está presente no imaginário de todos os nossos entrevistados.

- O Timbau

Foi a primeira comunidade surgida na Maré, a mais antiga. Em 1947 foi transferido para aquela região da atual Maré o *1º Regimento de Carros de Combate* em frente ao Morro do Timbau. Nesse lugar os militares passaram a controlar a comunidade com derrubada de barracos, controle da entrada de moradores e cobrança por parte de alguns militares "de taxas de ocupação" (Vieira,id, p. 52). Na história do Timbau há uma grande presença da resistência ao exército que reclamava direito sobre aquelas terras e tenta impedir de todos os jeitos a ocupação da área. É através de D. Orosina, que escreve uma carta ao presidente Getúlio Vargas e é recebida no Palácio, que se consegue a continuidade deles na região. Em 1954 com o crescimento e organização da comunidade surge a 1ª associação de moradores e a 3ª associação de favelas do Rio de Janeiro.

A comunidade que mais visitamos e convivemos na Maré foi o Timbau pelo fato do Museu da Maré se localizar aí. Ao andar pelas ruas do local, conversar com os moradores, comer nos restaurantes do local etc, percebemos que o Timbau desfruta na região da Maré de um determinado *status*, é uma comunidade mais organizada e melhor assistida, como se fosse a "zona Sul" daquela região.

- A Baixa do Sapateiro

Há várias hipóteses para o nome Baixa do Sapateiro, dentre elas: que aquela região era propriedade de um morador do centro de Bonsucesso, que mantinha um português como zelador, que era sapateiro. Outra versão era de que como na comunidade havia alto índice de criminalidade e muitos nordestinos, especialmente baianos, fazia-se uma alusão à "Baixa do Sapateiro", numa referência à região com esse nome em Salvador. Outra versão era de que como a região era de mangues, cheia de vegetação chamada sapateiro no sopé do Morro do Timbau, era a Baixa do Sapateiro, pois tinha essa vegetação na região baixa do morro.

A Baixa, assim chamada carinhosamente pelos moradores do local até hoje, era um grande manguezal cheio de lama e caranguejos. No início sua ocupação se deu na fronteira com Bonsucesso e foi se estendendo até á Baía de Guanabara. Logo, a Baixa do Sapateiro é uma das mais antigas comunidades da Maré. Foi na década de 50 que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

sua expansão foi em direção ao mangue e sobre a maré surgindo a construção das palafitas, que deram uma marca muito forte à paisagem daquela região.

Diversos dos nossos entrevistados fizeram alusões às palafitas em que moravam e alguns reconheceram nas fotografias do Museu da Maré seus "barraquinhos", como carinhosamente os denominaram.

Silva (2006) também nos fala da diferenciação positiva das comunidades do Timbau e Baixa do Sapateiro inclusive pela inexistência nelas de palafitas como demonstra o trecho abaixo.

> "Com exceção do Timbau e de parte da Baixa do Sapateiro, o tipo de moradia que passou a ser predominante nos núcleos de ocupação da região foi a palafita. As condições de ocupação eram adversas: havia a repressão da força policial, que impedia construções e derrubava os barracos; eram difíceis as condições naturais, representadas principalmente pelo terreno pantanoso; não existia qualquer garantia legal ou jurídica, o que criava uma fragilidade dos moradores e imprimia um caráter de clandestinidade à ocupação; esses moradores estavam impossibilitados, por sua condição econômica, de promover uma construção de melhor qualidade." (id, p. 82)

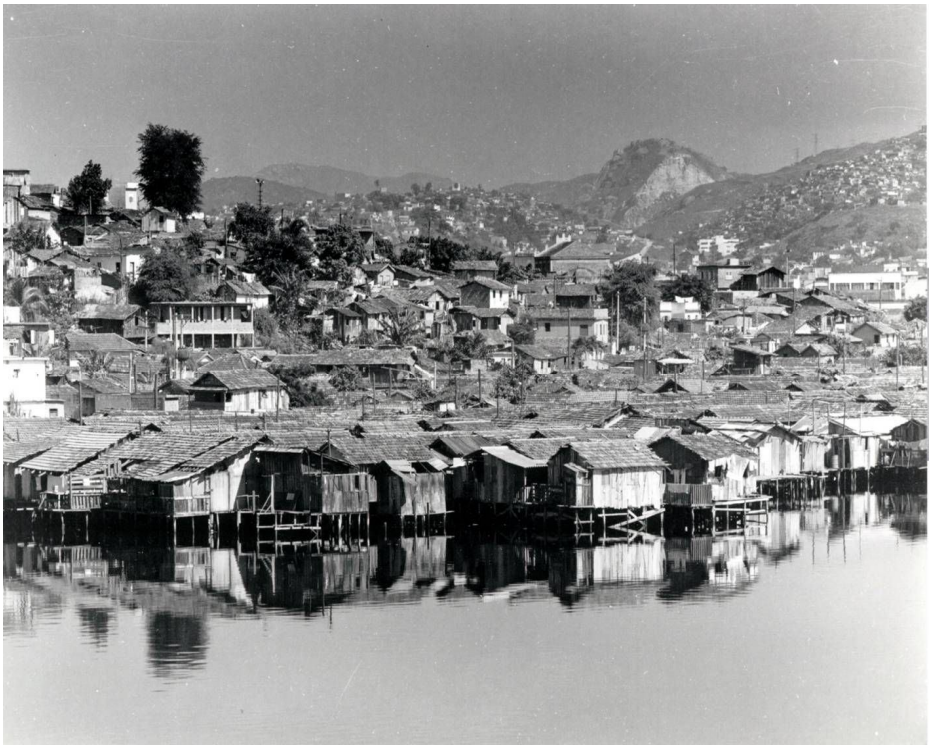

Foto 16 do Acervo do Museu da Maré – Imagem emblemática das palafitas nos alagados da Maré: Baixa do Sapateiro e Parque Maré

- Parque Maré

O Parque Maré é um prolongamento da Baixa do Sapateiro, cujos primeiros barracos surgiram desde a década de 50. A área ocupada pelo Parque Maré era de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

lama e mangue e sofria com o movimento das águas, tendo a partir da década de 60 ocorrido a grande expansão da ocupação em direção à Baía de Guanabara predominando assim as palafitas nessa região. Os aterros nessa região eram rotineiros até chegar o Projeto-Rio na década de 70 e eram feitos com carvão inicialmente e depois com demolição. Eram executados em mutirão por familiares e vizinhos.

Foto 17do Acervo do Museu da Maré - "Pontes de tábuas" interligando as palafitas da Maré

Não havia água, nem luz nas casas, inicialmente a luz era puxada por "gatos" e depois por um medidor da Light e revendido para as demais casas. A água chegava através de pequenas bicas, puxadas ilegalmente por ramais. Devido

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

às grandes filas, muitos moradores iam apanhar água do outro lado da Avenida Brasil e para isso usavam os rola-rola (barril de madeiras com pneus em volta dele puxados por uma alça de ferro). O esgoto era muito precário, feito pelos próprios moradores. Na década de 60 surge a Associação de Moradores do Parque da Maré, que foi muito importante na consolidação da comunidade, principalmente na época do Projeto-Rio.

- Parque Rubens Vaz

O Parque Rubens Vaz surgiu em 1951, era uma região de areal. Os poucos habitantes que moravam ali sofriam muito quando a maré enchia porque apareciam cobras e lagartos e deixava lama em quase tudo.

Não demorou e surgiu um líder para eles, chamado de João Araújo, um paraibano, que organizou a área, alinhou as construções e abriu ruas. A água também era trazida em barris ("rola-rola"). Quando as pessoas chegavam tinham que construir seus barracos a 40 metros da "Variante", pois ela seria alargada como de fato foi. Os barracos eram de madeira, a polícia não deixava fazer de alvenaria, derrubando-os.

O Parque Rubens Vaz tem uma história um pouco diferente das demais, pois em 1958 aparece lá um advogado chamado Margarino Torres do PCB (Partido Comunista Brasileiro) que defendia o direito das pessoas permanecerem ali com dignidade. Como a população estava aumentando, a polícia aumenta a pressão para expulsar a comunidade. Margarino lidera a população e torna-se figura fundamental na consolidação da ocupação. O local chegou a ter seu nome, devido à sua importância na história local. Em 1959 a população invade a área do Parque União e Margarino Torres lidera também essa invasão. Em 65 a população sente necessidade de dar um nome oficial para o local e escolhe Major Rubens Vaz, em homenagem ao Major assassinado em atentado na Rua Toneleros em Copacabana.

- Parque União

Chagas e Abreu (2007) nos chamam atenção no trecho abaixo da importância da construção da Avenida Brasil impulsionando o aparecimento de várias comunidades, como o Parque União e Rubens Vaz.

> "A construção da Avenida Brasil – concluída em 1946 – foi determinante para ocupação da área, que prosseguiu pela

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

> década de 50, resultante na criação de outras comunidades, como Rubens Vaz e Parque União." (id, p. 137)

Como já escrevemos anteriormente, o Parque União também teve sua origem ligada a Margarino Torres, que estruturou a área demarcando os lotes comprados (Vieira, id).

Margarino Torres exigia dos moradores o pagamento de uma taxa, carteira de trabalho indicando que o indivíduo estava em exercício e o dinheiro pago para fazer benfeitorias do Parque e pagar os honorários de Margarino Torres.

Foi ele que exigiu dos policiais mandatos para entrar na região, proibiu casas de prostituição e de jogos. Mesmo assim, a polícia muitas vezes destruía os barracos. Era proibido construir barracos de alvenaria, a despeito disso a população construía uma casca de madeira, só a retirando quando estivesse tudo pronto. "Seu" Jaqueta e "Seu" Antonio, pescadores da Maré por nós entrevistados, se remeteram a este fato. Lembraram com graça das casas de alvenaria com "cascas" de madeira para parecerem barracos.

- Nova Holanda

De todas as comunidades da Maré, a que tem uma formação mais peculiar é a Nova Holanda, pois foi composta por um amontoado de pessoas removidas de vários pontos da cidade e alojadas "provisoriamente" em CHPs (Centros de Habitação Provisórias) que pareciam uns vagões, onde as pessoas jamais foram retiradas de lá.

O governo Carlos Lacerda tinha como política habitacional acabar com várias favelas em lugares nobres da cidade e mandar sua população para o subúrbio, como foi o caso da Favela do Pinto - localizada no Leblon (nos conjuntos da Selva de Pedra)-, a Favela do Esqueleto - onde fica hoje a UERJ -, dentre outras. Na verdade, não havia a intenção em resolver o problema da falta de moradias da população mais pobre e sim, tirá-las das áreas nobres.

Assim como fizeram a Nova Holanda, também fizeram esse modelo habitacional em Cordovil, Paciência, Manguinhos, Andaraí e Praia de Ramos. Essa região foi chamada de Nova Holanda devido ao fato de ter sido construída em cima de vários aterros feitos à Baía de Guanabara, como uma alusão à drenagem de terras feitas na Holanda. Muitas famílias foram alojadas em espécies de vagões, que de transitórios, tornaram-se definitivos, algumas morando lá até hoje.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Muitos desses moradores por virem de diferentes áreas da cidade com culturas locais diferentes demoraram a se integrar entre si e com a Maré. Como não podiam mexer nos CHPs, muitos se degradarem com o tempo e se tornaram semelhantes aos barracos da favela. Além disso, havia uma deteriorização dos serviços de água e esgoto, isto acabou levando os moradores da Nova Holanda a se integrarem com outros moradores da Maré em torno de problemas comuns.

- A Vila do João

A Vila do João fica onde era antigamente o Aeroporto de Manguinhos como já escrevemos anteriormente. Foram construídas 1400 casas para remover as pessoas das palafitas. Foi tudo financiado pelo BNH e executado pelo PROMORAR. Os primeiros barracos foram sendo derrubados e seus moradores transferidos para conjuntos multicoloridos. O primeiro conjunto foi chamado "Vila do João" em homenagem ao ex-presidente João Figueiredo.

Até os moradores do Timbau e entorno referem-se à região da Vila do João e arredores como área que já foi mais violenta. Cabe lembrar que a Maré é atualmente (no ano de 2011) dividida geograficamente em duas regiões comandadas pelo tráfico de drogas na região. A área do Museu da Maré e da Vila do João hoje em dia são comandadas pela mesma facção de traficantes, mas há tempos atrás eram rivais que estavam no comando. Já a região do Parque União e entorno é comandada por grupo adversário.

- A Vila do Pinheiro

Em 1982 a Ilha do Pinheiro foi anexada pelo Projeto-Rio, como já explicamos anteriormente. Para esse local houve uma remoção silenciosa de 15 mil pessoas para que não houvesse mais invasões. Com a Vila do Pinheiro eliminou-se todas as palafitas da área da Maré. As casas eram semelhantes às da Vila do João.

Nessa área ainda foram construídos apartamentos (1380) para famílias das comunidades da área que se inscreveram. Esses conjuntos foram chamados Conjunto Pinheiro e ocupados em 1989.

Além disso, é nessa região que a Prefeitura alojou uns galpões para onde são transferidos temporariamente moradores de várias áreas de risco da cidade através da Secretaria Municipal de Habitação, pelo projeto *Morar sem riscos*. Por serem pequenos, desconfortáveis e coloridos, o povo apelidou-os de *Kinder Ovo*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Ainda hoje há a construção de novas unidades habitacionais em forma de vagão, para onde são removidas as famílias acomodadas nos galpões provisórios. Esse conjunto localizado na Vila Pinheiro chama-se "Salsa e Merengue", devido à novela de sucesso na época.

Em 1996 a Maré torna-se um bairro reunindo uma unidade feita da diversidade cultural e social de um amálgama de histórias e confluências de vidas.

> "A Maré é o lugar construído sobre todas as adversidades, cuja tarefa continua na reconstrução de si mesmo. Todas as possibilidades estão postas, basta que nossa percepção lhes dê sentido. O adensamento das instituições deve dar lugar à flexibilidade, a inércia deve ser superada pela abertura aos processos de mudança." (Vieira, 2008, p. 215)

Silva (2006) nos chama atenção no trecho abaixo para o fato de que a Maré ter sido transformada por decreto num bairro, não significa a eliminação de seu contexto plural e muitas vezes estigmatizado pela sociedade e poder público em geral.

> "a identidade coletiva dos moradores é marcada pela violência e pelo estigma, que separa a cidade "formal" das favelas. Portanto, ao propor a criação do bairro da Maré como meio de integrar essa região aos espaços "formais" do Rio, o poder público restringiu-se a uma medida político-administrativa, que não expressou o desejo dos moradores nem apresentou soluções para o problema da violência, muito menos revestiu de simbolismo tal criação para poder fazer frente ao estigma que norteia a relação das pessoas com o lugar. Por esses fatores, o bairro da Maré não se constitui enquanto lugar de memória para seus habitantes. No entanto, outros agentes sociais buscam reverter essa realidade como forma de superar os problemas locais." (id, p. 166)

5.3
A criação do Museu da Maré

Por diversos motivos, já expostos na introdução, escolhemos como estudo de caso o Museu da Maré. Este se localiza no Timbau, na Rua Guilherme Maxwell, 26, comunidade pertencente à Maré e foi criado em 2006. Recebeu em sua inauguração a presença do Ministro da Cultura de então, Gilberto Gil. Destaca-se por ser o primeiro museu brasileiro localizado em uma favela criado pela comunidade local.

É um dos museus comunitários na cidade do Rio de Janeiro, junto ao Ecomuseu de Santa Cruz, que possui um trabalho de maior visibilidade de atuação

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

não só na comunidade local, como na cidade, assim como é referência para outros museus comunitários e ecomuseus no Brasil inteiro.

O Museu fica localizado num antigo galpão de conserto de barcos, que foi cedido ao grupo que o fundou[22], como é mostrado em imagens abaixo. A oficina dos barcos se localizava no prédio onde hoje está instalada a exposição permanente do Museu da Maré.

Foto 18 de Helena Araújo – Prédio amarelo: embaixo, biblioteca; em cima, salas de cursos; atrás, salas de informática e o Arquivo D.Orosina Vieira.

Fotos 19 de Helena Araújo - Prédio vermelho: exposição permanente do Museu da Maré.

[22] Este galpão foi cedido ao grupo dos fundadores do Museu da Maré por 10 anos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Os objetos do Museu, ou melhor o Museu da Maré está em construção permanente. Na parte de dentro do pátio do Museu, no galpão da antiga oficina de fábrica de transportes marítimos, está instalado o acervo da exposição permanente, como já mostramos nas fotos. Ela é dividida em 12 tempos não cronológicos, que contam a história da Maré. Esses tempos ainda não estão todos completos, alguns estão em construção, sempre se reconstruindo como os próprios museus comunitários e a própria favela da Maré.

O primeiro tempo é o *Tempo da água*, onde tudo começou na Maré por ficar situada à beira da Baía de Guanabara. Foi lá que seus moradores tiveram que conquistar até o chão fazendo aterros em vários espaços. Neste local logo na entrada da exposição permanente existem muitas fotos mostrando as palafitas, os alagados, os aterros, o barco com o São Pedro (como mostra a imagem abaixo) etc.

Foto 20de Helena Araújo - O barquinho dos pescadores com São Pedro

O segundo é o *Tempo da casa,* onde encontramos a emblemática palafita, por dentro mobiliada com objetos doados pelos moradores - o que dá uma dimensão muito real da história ali narrada. De dentro do "barraco" pelas janelas vemos a paisagem enxergada pelos antigos moradores através de *banners* colocados estrategicamente para que ao olharmos possamos ver tal paisagem de "antigamente".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Foto 21de Helena Araújo - A emblemática palafita na entrada da exposição permanente do Museu

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Foto 22de Helena Araújo - Interior da palafita

Foto 23de Helena Araújo – Interior da palafita e “visão” da favela pelo banner externo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Foto 24 – Cenário externo à palafita, mulher com lata de água na cabeça e varal de roupas.

Em seguida temos o *Tempo do trabalho* onde são exibidas fotos de trabalhadores em várias atividades: carregando água nos *rola-rola* depois de chegarem do trabalho, fazendo os aterros em geral aos domingos, nas construções das bicas comunitárias, ou ainda na fila da água para encher as latas.

Ainda temos o *Tempo da Migração* como uma homenagem e referência há grande quantidade de nordestinos que para a Maré vieram morar, muitos trabalhando na construção da Avenida Brasil ou no centro da cidade

Também foi criado o *Tempo da resistência*, pois na Maré foi preciso resistir a quase tudo: à maré, à polícia, à remoção, por isso acabaram descobrindo a necessidade de se organizarem politicamente para revindicarem do governo melhorias para a região etc. Neste espaço é mostrado a resistência através de jornais das associações de moradores se mobilizando nas lutas por melhoria das condições de vida, documentos de posse de casas etc.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Foto 25de Helena Araújo - Os registros de posse das casas, jornal local e fotos

No *Tempo da festa* há referências às folias de reis, carnaval, festas juninas através de diversas fotos e alguns objetos. Encontramos muitas fotos de alunos nas danças Ed festas juninas das escolas em diferentes décadas.

Já o *Tempo da feira* é o tempo da negociação, feiras e vendedores ambulantes, onde a vida acontece. Até hoje na Maré a rua da feira aos sábados é um grande acontecimento na comunidade. Neste *tempo* existem fotos sobre o tema e alguns objetos, como uma balança antiga de pesar alimentos na feira.

O *Tempo da fé* apresenta a fé dos moradores em diversos rituais, como: procissões, igrejas, estátua de São Jorge, lojas de produtos de umbanda, enfim é exibido um sincretismo religioso característicos de muitas comunidades brasileiras através de fotos e estátuas.

O *Tempo do cotidiano* apresenta umas paredes de tijolo aparente com janelas de vários tipos e abertas com fotos dentro sugerindo os acontecimentos do interior da casa, do cotidiano. Também há fotos de barbearias, botequins, crianças e jovens jogando bola na rua ou indo para a escola, por exemplo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Foto 26 de Helena Araújo - O tempo dos barracos acabou, surgem as casas de alvenaria e seu cotidiano...

Por outro lado, piões, petecas, carrinho de rolimã, pipas, bolinhas de gude nos trazem a infância de volta - principalmente para quem tem mais de 40 anos-, no *Tempo da criança*. Há ainda uma homenagem a uma criança assassinada na porta de sua casa na favela vítima da violência do confronto entre polícia e traficantes.

Em oposição, logo depois vem o *Tempo do medo*, as paredes são escuras, é um ambiente mais fechado, sem colorido, apenas muitas e muitas cápsulas de tiros, fotos com paredes perfuradas por tiros ... é a violências de várias favelas, do Rio de Janeiro, das grandes cidades, do mundo. Se antes a luta dos moradores da favela da Maré era acabar com os alagados, ter casas de alvenaria e saneamento básico, atualmente é acabar e combater a violência no local.

O *Tempo do futuro* se faz por ser um tempo que já começou na luta por uma cidadania mais plena e justa, neste é mostrado apenas uma maquete com as habitações e referências geográficas da região, como se fosse um mapa em terceira dimensão.

As duas fotos abaixo mostram o restante do pátio do Museu da Maré com a loja das *Marias Maré* e o anexo à exposição permanente aonde são feitas as exposições temporárias.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Foto 27de Helena Araújo - Anexo de exposições temporárias no Museu da Maré

Foto 28 de Helena Araújo - Loja Arte da Maré de vendas de artesanato e costuras das Marias Maré no pátio do Museu.

O site do Museu da Maré é bastante informativo e dinâmico e retrata diversas dessas imagens de época, informações, vídeos etc. Seu endereço virtual é *http://www.museudamare.org.br*).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

O Museu da Maré foi gestado e fundado pelo mesmo grupo de moradores e ex-moradores que criou o CEASM. O trecho abaixo de Oliveira (2003) mostra a importância desse grupo de indivíduos que chegaram a cursos superiores e pós-graduações e atuaram e atuam de forma determinante na Maré:

> "Na Maré a iniciativa dos atores do CEASM tem sido justamente no sentido de construir uma narrativa na qual o espaço compreendido pela região da Maré e os seus moradores estejam intrinsecamente ligados à história da cidade e do país, contada pela perspectiva de quem vive, ou viveu, do lado até então esquecido pelos discursos historiográficos dominantes e pelas instituições oficiais de memória." (id, p. 29)

Também Chagas e Abreu (2007, p. 138) chamam atenção para o fato de que num cenário tão desolador de uma comunidade carente carioca tenha surgido um grupo de jovens moradores que tenham e continuam se empenhando na luta e resistência cotidiana pela melhoria da qualidade de vida daquela população local.

Esse grupo de jovens do CEASM, segundo Oliveira (2003, p. 60),possui algumas características comuns, como: todos eram moradores da Maré pelo menos há algum tempo, participavam da Pastoral da Igreja Católica, envolveram-se com o Partido dos Trabalhadores e possuíam nível universitário.

Sendo assim, o Museu da Maré é fruto de uma parceria entre os membros do CEASM, museólogos e integrantes do IPHAN, como demonstra o trecho abaixo retirado do *site* do Museu da Maré:

> "Quando surgiu a conversa para o projeto do Museu da Maré, houve algumas reuniões da equipe do CEASM com profissionais da museologia e do IPHAN, onde foram discutidos os temas nos quais seria focada a exposição (os doze tempos). Depois dos encontros, e de muita discussão, fiquei responsável pela montagem do projeto do Museu da Maré e por apresentar uma proposta na semana seguinte.
> Passei alguns dias imaginando a forma de ocupação do galpão ... fiz as medidas do espaço, pesquisei o arquivo fotográfico e filmes antigos da Maré. Busquei referências em livros de arte e arquitetura para complementar o pensamento do projeto e também comecei a lembrar de quando ainda era criança na Maré.
> Com a pesquisa organizada, parti para a construção da maquete e percebi várias questões espaciais no galpão como, por exemplo, o pé direito alto. Por outro lado, isso tornou possível sua ocupação com algum elemento que emocionasse a quem entrasse. Então este objeto foi o barraco, que é a grande sensação e emoção do Museu.
> Fomos então apresentar para a equipe do IPHAN, que gostou da proposta, do conceito e da defesa do projeto." Vieira, Marcelo. C*enógrafo do Museu da Mar. (site: http://www.museudamare.org.br)*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA

Os embriões do Museu da Maré foram gestados no CEASM e na Rede de Memória da Maré. O CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré) foi criado em 1997 fundado por moradores locais, sendo que alguns deles tinham participado da TV Maré. Aliado a isso, houve da parte dos mesmos a preocupação em resgatar e construir a história local e as memórias de seus moradores, logo surgiu a Rede de Memória da Maré. Esta criou um arquivo institucional, Acervo Orosina Vieira, com fotos, jornais e livros sobre a Maré. Este acervo encontra-se disponível a consulta e pesquisa no Museu da Maré. Ainda segundo o *site* do Museu da Maré:

> "O trabalho da rede se desdobrou na criação de um arquivo institucional destinado à pesquisa, preservação e divulgação de documentação nos mais variados suportes sobre a história local. Ainda se desenvolveu um programa de história oral, para coleta e registro do depoimento dos moradores e lideranças da região e a criação do grupo de contadores de histórias, com o objetivo de difundir as histórias e lendas surgidas das vivências dos moradores". (id)

No capítulo seguinte iniciaremos a análise dos dados sobre o campo pesquisado. Sendo assim, iremos apresentar nossos dados e reflexões sobre os pescadores da Maré - protagonistas fundamentais na história e memórias da Maré, também narradas e construídas no próprio Museu.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0811294/CA